

Saneamento é ameaça a Samambaia

JULIO MOSQUERA

O passado ainda recente de Brasília reveste-se de alguns exemplos que, apesar das evidências negativas, parecem passar em branco aos olhos do Governo do Distrito Federal. A ocupação desenfreada que superpopulacionou a Ceilândia é um destes. O uso desordenado do solo urbano propiciou grandes voçorocas (palavra de origem indígena que significa terra rasgada), levando ao pânico dezenas de famílias na iminência de serem tragadas pelos buracos.

Muita erosão depois, Samambaia caminha para semelhante realidade. Entre a pressão de milhares de favelados e a cobiça pelos expressivos dividendos políticos, o governador Joaquim Roriz executa um projeto que ventila perspectivas pouco animadoras para o próximo ocupante do Palácio do Buriti e para as pessoas que hoje consideram "estar no paraíso".

O Núcleo de Estudos Ambientais da Universidade de Brasília já advertira em outras ocasiões para os perigos de um assentamento acelerado. Samambaia situa-se na Chapada da Contagem que, dividida em unidades geomorfológicas, é a área mais povoada do DF. Lá, aglomeram-se Ceilândia, Taguatim,

Gama, e os já 30 mil habitantes da nova cidade-satélite. Mas independente disso, existem outros danos ecológicos impostos à natureza.

A expansão de Samambaia para o rebordo da encosta, jamais poderia ser feita. De topografia mais acidentada, e formada por tipos de solo mais frágeis, a área, se ocupada, aumenta em muito as possibilidades da ocorrência de erosões. A professora do Departamento de Geografia da UnB, Maria Vilma Rabelo de Moraes, estudiosa do assunto, com vários trabalhos realizados, é enfática: "Em Samambaia está havendo uma repetição dos problemas".

Em 1982, a professora Vilma aprofundou-se na análise das modificações ambientais na cidade-satélite do Gama. Quando publicou seu relatório, três anos depois, foi demonstrada a irracionalidade da ocupação do solo. Imensas voçorocas ameaçavam destruir redes elétricas, racharam paredes das casas e transformaram-se em uma preocupação constante.

"Samambaia pode ser uma nova vítima da erosão. O loteamento não deve ser feito tão rápido, porque com certeza a terra responderá num futuro próximo", alerta Vilma, como quem assiste a um filme pela se-

gunda vez. A retirada da cobertura vegetal é precedida pela construção das casas. A água das bicas, que jorra o dia inteiro, vai cavando valetas aprofundadas pelas chuvas e desenhando os prejuízos que tendem a surgir em um futuro bem próximo. Não tão imediato para manchar o Governo de Roriz, mas o suficiente para se tornar uma dor de cabeça para o próximo administrador do DF.

SEMATEC

Experiência no combate à erosão é o que não falta para Witer Campos Lima, ex-integrante da Assessoria Especial para Assuntos de Erosão no GDF. A disposição da Secretaria de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia (Sematec), ele acompanha de longe o assentamento em Samambaia. Entretanto, conhecedor da coleta de águas pluviais, salienta.

O asfaltamento nas vias principais, onde o solo está sem proteção, também é uma das medidas imediatas pedidas por Witer. A água é fator fundamental no processo erosivo e não há como adiar sua canalização. Os prejuízos de um adiamento já são observados, principalmente na parte central de Samambaia, entre o Setor de Mansões e a Vila Roriz (local

do assentamento), onde o solo já entrou em processo de erosão.

Nem mesmo a colocação de cascalho para conter a formação das voçorocas surte efeito. Basta chover para os planos de contenção serem postos por água abaixo. A quadra atingida, a 600, deixou de ser utilizada, e com isso evita-se que no momento a população corra algum risco. "Buracos com quatro metros de largura por não sei quantos de profundidade são uma prova de que é necessário tomar atitudes agora", defende Witer.

O assessor da Sematec não desconsidera a forte pressão social imposta ao atual Governo, mas sabe que uma maior organização evitaria essas situações: "Se a ocupação fosse dividida em blocos e quadras, o resultado seria menos desastroso". Mas as vozes que desejam preservar a terra ecoam sem respostas. O próprio Núcleo de Estudos Ambientais da UnB sequer foi ouvido.

O próprio GDF parece despertar para o problema, tanto que decidiu suspender temporariamente alguns assentamentos programados para avaliar a atual situação em Samambaia. Mas garante que o calendário não deverá ter o prazo final alterado.